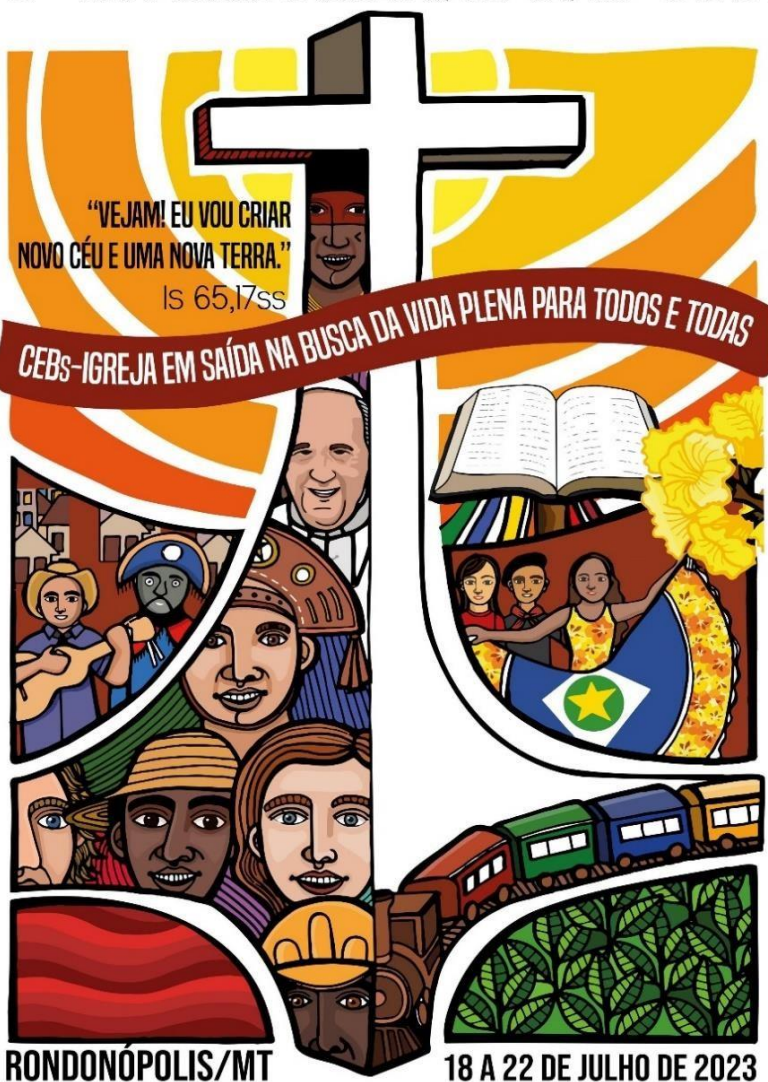


15º INTERECLESIAL DAS CEBs



**Marco Referencial do 15º
Intereclesial das CEBs**

**Marco Referencial
do 15º Intereclesial
das Comunidades Eclesiais de Base
CEBs**

**Elaboração
Secretariado do 15º Intereclesial**

Rondonópolis-MT
2021

© **Diocese Rondonópolis-Guiratinga**

Av. Frei Servácio, 393 - Bairro La Salle - CEP: 78.710-750.

Caixa Postal, 150 - 78.700-970 - Rondonópolis, MT.

site: www.diocesederondonopolis.org.br

E-mail da secretaria 15º: cebs15rondonopolis@gmail.com

Secretaria: (66) 3426 - 6757- Ramal- 200.

Organização

Secretariado do 15º Intereclesial das CEBs

Diagramação

Adilson José Francisco

Capa

Cartaz do 15º Intereclesial (Arte Ateliê 15)

Ano da Publicação

1ª Edição Janeiro - 2021

Rondonópolis-MT



Oração pelo 15º Intereclesial das CEBs

**Ó Santíssima Trindade,
Somos escolhidos para participar da vida divina, por isso,
Nós, te saudamos, te louvamos, te glorificamos e Te adoramos,
Pai, Filho, Espírito Santo: Comunhão de amor e de misericórdia.**

**Jesus Cristo entregou a sua vida
Para reconduzir na unidade e salvar os filhos
de Deus dispersos.**

**O Espírito Santo faz nascer a Igreja, como
comunidades de fé, de partilha, comunhão,
vida fraterna e missão.**

**Senhor, somos chamados para anunciar o Evangelho de Jesus
Cristo, inseridos no meio do povo, comprometidos com o Reino de
Deus, com a justiça e a paz, a solidariedade e a misericórdia,**

**A nossa Igreja se prepara para o Encontro das
Comunidades: queremos ser “Igreja em Saída na Busca de
Vida Plena para Todos e Todas”.**

**Queremos assumir com alegria a missão profética de ir ao
encontro dos irmãos e irmãs, de modo especial os
esquecidos, sofridos, doentes, sem pão, sem casa, sem
trabalho.**

**Nós te pedimos, Trindade Santa, pelo 15º
Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base:
que a força do Espírito Santo anime as comunidades; dê
entusiasmo à missão, para “criar no céu, nova terra” e fazer
surgir uma Igreja sinodal e ministerial, que tem como centro
a Eucaristia, a Palavra, a Caridade e a Missão.**

**E assim a humanidade inteira possa alcançar a unidade no
Seu amor, a vida plena e a salvação.
Amém, Axé, Awere, Aleluia!**

**1º Encontro da Ampliada Nacional e Secretariado do 14º (Londrina)
em Rondonópolis – julho de 2018.**



Foto: Pedro Aguiar (2018)

Apresentação

O Secretariado Diocesano do 15º Intereclesial tem a alegria de oferecer aos presbíteros e diáconos, às comunidades eclesiais, às congregações religiosas, às pastorais e movimentos, às lideranças e ao Povo de Deus o “**Marco Referencial do 15º Intereclesial**”. Não se trata do Texto Base que enfocará em especial o tema e o lema do Intereclesial.

O Marco Referencial situa o 15º Intereclesial no contexto social, econômico, religioso do momento atual. Oferece referências e balizas para o Intereclesial. Seu estudo e a leitura abrem o horizonte da experiência de fé da vida das comunidades, insere no contexto do processo preparatório e oferece linhas da metodologia assumidas pelo secretariado das CEBs na animação das comunidades, na construção do 15º Intereclesial das Comunidades que acontecerá em Rondonópolis/MT, em julho de 2023.

Almejamos que a leitura e o estudo deste subsídio ajudem no fortalecimento e na animação da vida das comunidades como redes de encontro, de solidariedade, de cuidado, de diálogo, de escuta, de partilha e de vida eclesial.

Rondonópolis, 14 de janeiro de 2021

Dom Juventino Kesting

Sumário

1. Introdução : Tema e lema	11
I. A realidade que nos interpela	15
1. Crise pandêmica	16
2. Crise da Política institucional do Estado brasileiro	17
3. Indicadores socioeconômicos	18
4. Realidade mato-grossense	22
5. Realidade indígena: povos da resistência e esperança	24
6. Um processo promissor	27
7. A Palavra do Sínodo Especial para a Amazônia	27
II. Nosso Jeito de ser Igreja e viver a fé	28
1. Igreja em Saída	28
2. Um sonho	28
3. Nossa Inspiração	31
3.1 Uma espiritualidade da escuta e do anúncio	32
4. As Comunidades Eclesias de Base	32
III. Nossos passos rumo ao 15º Intereclesial	35
1. Objetivos	35
2. Objetivos específicos	35
3. Metodologia	36
4. Metas	38
5. Ações estratégicas	38
6. Quem envolver e como envolver no processo	39
7. Para tal envolvimento pensa-se em:	40
8. Quem fará o acompanhamento do que foi definido	40
9. Processo avaliativo	41

IV. Diocese de Rondonópolis-Guiratinga: Igreja que Acolhe o 15º Intereclesial	42
1. Organização da Diocese	42
2. Regionais da CNBB	43
3. Desafios pastorais	46
4. XVII Plano Diocesano de Pastoral - 2021-2023	48
V. A logística e espaços par ao 15º Intereclesial	49
1. Locomoção	49
2. Hospedagem	49
3. Locais e paróquias para hospedagem	49
4. Outras opções	50
5. Voluntariado	50
6. Locais para as miniplenárias	51
7. Locais para atividades	51
8. Cronograma	51
9. Considerações Finais	52
Anexos	53

INTRODUÇÃO

A próxima estação do trem das CEBs será na cidade de Rondonópolis, no coração de Mato Grosso. Tal decisão foi definida no término do 14º Encontro Intereclesial, realizado de 23 a 28 de janeiro de 2018, em Londrina-PR. Com muita alegria, a Diocese de Rondonópolis-Guiratinga/MT assumiu sediar o 15º Intereclesial. Assim, pela segunda vez, a Região Centro Oeste do Brasil é contemplada com esse encontro que renova, alegra e anima a caminhada da Igreja. Por esse motivo, em julho (05 a 08 de 2018), a Ampliada Nacional das CEBs, reunida em Rondonópolis/MT, teve como propósito proceder à avaliação do 14º Intereclesial, bem como projetar horizontes para o 15º Intereclesial a se realizar em 2023.

Levamos em consideração a necessidade de desenvolvermos um trabalho mais próximo das pessoas, das famílias, das pequenas comunidades, e de ajudarmos a todos e todas a fazerem a experiência de Jesus Cristo a partir de sua participação em pequenos grupos e em consonância com as orientações do papa Francisco, que insiste numa Igreja que perceba as necessidades das pessoas, as suas dores e alegrias. Além disso, fazemos valer a nossa história, que sempre foi organizada em comunidades de base, de modo que, nós, Igreja diocesana presente em Rondonópolis- Guiratinga, em comunhão com o Regional Oeste 2, com a CNBB e com toda a Igreja no Brasil, assumimos o 15º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base com intuito de continuarmos sendo esse chão de missão e de fortalecimento das nossas lideranças, na busca do novo céu e da nova terra conforme inaugurado e propagado por Jesus Cristo de Nazaré.

Tema e lema

Reunida em janeiro de 2019 (24 a 27), em Cuiabá/MT, a Ampliada Nacional das CEBs, além de outros assuntos abordados, escolheu o tema e lema do 15º Intereclesial a ser realizado em Rondonópolis-MT, entre os dias 18 a 22 de julho de 2023. Com o tema “**CEBs: Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas**” e o lema “**Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra**” (Is 65,17), levou-se em consideração a solicitação do Papa Francisco para tornar concreta e real “*uma Igreja em saída, que vai ao encontro das periferias sociais e existenciais*”. É a Igreja presente, que anuncia o Evangelho, atinge o coração, para que “*todos tenham vida plena*”, vida não para poucos privilegiados, mas vida para todos e todas, para o planeta, para os povos, independentemente de raças, culturas ou credos.

O motivo da escolha do tema quer ser, em primeiro lugar, resposta a Jesus Cristo e seu evangelho acolhendo seu projeto “que todos tenham vida em plenitude”. Em segundo lugar, as CEBs querem assumir o compromisso de **ser** uma Igreja em saída, desejada pelo Papa Francisco. As CEBs constataam, com alegre surpresa, que é possível mudar a **utopia** em “**topia**”. O tema e o lema, que nos vem do profeta Isaías são palavras que ressoam em nós criando imagens, pisando realidade, acordando sonhos e utopias. A utopia nasce da realidade. O sonho que ela encerra brota da ausência. Realidade marcada pela ausência do que se sonha. Ausência de vida, terra, céu. Realidade sofrida. Realidade dura, violenta, até com colorido de morte, mas que não mata a esperança.

Dois rios de água pura alimentam a esperança: o *rio da utopia*, o *rio do rito*. O *rio da utopia* tem sua nascente no mito. O mito é coisa séria. É fonte escondida que atua poderosamente. É memória coletiva do povo, sua identidade. No mito o povo expressa

quem é, de onde vem e para onde vai. Descreve como se relaciona com o Divino, com a casa comum, consigo mesmo, com os outros.

As narrações ajudam-nos a compreender os fatos da vida ligando-os às suas origens. Ajudam-nos a nos situar no ‘espaço’ e no ‘tempo’ atual estabelecendo um quadro de referências que dão segurança e identidade. O mito/utopia acorda a memória da origem de toda expressão de vida, da cultura, dos costumes. Fala de tudo que faz parte da vida. Fala da casa comum, da solidariedade humana, da convivência na casa comum. Fala da Divindade como origem da vida.

Em tempo de crise, de mudanças, de derrota, quando a identidade é ameaçada, a utopia/mito entra em ação e ajuda o povo a defender-se, a reencontrar-se. As palavras do profeta Isaías nos ajudam a compreender quem somos, de onde viemos, e para onde vamos. Da utopia/mito fazem parte os ritos, as celebrações, as danças, as peregrinações, as visitas, etc. A utopia/mito torna a vida inteira um rito. O segundo rio que alimenta a esperança é a água do *rio do rito*. O mito/utopia é como uma música. As notas musicais escritas no papel não dizem nada. Quando ativadas pelo toque de instrumentos musicais, interpretadas pelas vozes, elas nos conectam e nos fazem entrar em comunhão com a inspiração original do artista. Acreditamos que o artista seja o Divino.

Quando ativado através das águas do rito, a utopia/mito faz o ‘eu’ da pessoa encontrar o ‘nós’ da comunidade, do povo. Integra a pessoa e lhe dá identidade. Quando o rito é ativado através dos costumes e tradições, das celebrações e romarias, leitura orante e círculos bíblicos, novenas e visitas, etc., a Palavra (mito/utopia) nos coloca em contato com a inspiração original que deu origem ao Povo de Deus, ao Povo das CEBs. Faz-nos entrar na correnteza do rio rito que tudo purifica e renova, alimenta a resistência, a esperança. A correnteza das águas nos leva.

O tempo da utopia/mito é ontem e amanhã. O tempo do rito é hoje. O rito é o espaço onde vivemos a esperança, construímos a

utopia. O rito nos coloca em saída, nos faz perceber que a água de hoje não é a de ontem, que a paisagem mudou e compreendemos que a utopia se realiza na interação entre hoje e ontem, entre mito e rito. Assim, priorizar o “...tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento, sem marcha a ré. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes... gerar processos que construam um povo... desenvolve[r] e alcança[r] uma autêntica razão de ser a plenitude da existência humana, de acordo com o caráter peculiar e as possibilidades da dita época” (EG 223-224).

Então acolhemos o convite de Papa Francisco: “Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda ação evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’.” (EG 11).

I. A realidade que nos interpela

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023 (DOC. CNBB 109) desafiam o discípulo/a missionário/a a direcionar seu olhar para o contexto sociopolítico, econômico e cultural brasileiro marcado por profundas transformações, contradições e desafios¹.

Essas contradições e desafios emergem de uma profunda mudança de época. Não são somente mudanças casuais “nos costumes, nos valores, nas estruturas, mas é o próprio ser humano que está em processo de transformação onde o ser humano tem de si mesmo uma outra visão”, não apenas de si mesmo, mas de sua relação com os outros e com Deus².

Neste momento histórico de profundas mudanças, a palavra “**crise**” ganha a centralidade. O que está em acentuada crise é o nosso modo de viver em sociedade, que atinge as diferentes formas de nos relacionarmos neste mundo. Por isso, falamos de uma **crise civilizacional**, ou seja, “todo o ambiente cultural, social, político, econômico, religioso em que vivemos está em processo de transformação, está se desfazendo das estruturas em que aprendemos a conhecer e viver”³.

¹ CNBB. DGAE 2019-2023. Doc. 109, n. 43-44.

² CNLB. Olhar sobre o momento histórico. Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade: um novo olhar, um novo agir. Revista Um Olhar. Ano VIII. Nº 12. fev. p. 14. 2019.

³ Ibidem, p. 6.

Nota-se, na verdade, uma aguda e sistêmica “crise do paradigma civilizacional” construído pela modernidade⁴. Não é uma crise que “atinge o momento conjuntural, mas é uma crise estrutural”, que estremece os pilares da civilização em que vivemos. Dessa forma, valores, concepções, estabilidades, certezas, entram em crise: “a família, a verdade, a religião, o Estado, a democracia, nossa relação com o planeta terra”⁵. Segundo Gramsci, “a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece”⁶.

1. A crise pandêmica

Nesse contexto insere-se a crise pandêmica do novo coronavírus. A pandemia não é um acidente de percurso, ela não surgiu do nada, mas aprofunda um conjunto de questões colocadas antes da pandemia. Podemos nos perguntar: quais são as razões dos fatos presentes? Como já mencionamos, a humanidade está em crise e, no Brasil, vivemos uma emergência sanitária diante da pandemia global do novo coronavírus.

A crise da saúde agravou a crise econômica, porque a pandemia da covid-19 pegou a economia brasileira enfraquecida, estagnada com o aumento da pobreza, altas taxas de desemprego, baixa geração de emprego.

A pandemia da covid-19 tem impacto mortal sobre o mercado de trabalho no Brasil. Nos últimos cinco anos, o saldo do

⁴ Bauman observa que a solidez das instituições construídas pela modernidade está em processo agudo de desconstrução. O pensador denomina esse novo paradigma de modernidade líquida.

⁵ CNLB. Op. Cit, p. 14. Ver também CNBB. DGAE 2019-2023. Doc. 109, n.53.

⁶ GRAMSCI, Antonio. *Selections of the Prison Notebooks*, International Publishers, New York, 1971, p. 275-276.

emprego formal é negativo: menos 3,4 milhões de vagas, menos 50 mil empregos formais por mês, 1,7 mil empregos perdidos por dia, 13 milhões de desempregados. O desemprego e a subutilização da força de trabalho neste momento é uma verdadeira catástrofe.⁷

Essa pandemia escancarou a miséria e a fome no país, com grandes desigualdades sociais, concentração de renda e riquezas, e os que mais sofrem são os pobres.

2. Crise da política institucional do Estado brasileiro

O Estado brasileiro está aliciado pelas forças econômicas do capitalismo financeiro, representadas pelas grandes corporações internacionais e nacionais. Muitas dessas corporações detêm poder político, econômico e logístico superior a muitos países⁸. Isso as leva a controlar a economia e a política mundiais, em uma acirrada e desigual disputa geopolítica. O vínculo básico, que articula os representantes do capitalismo financeiro e os estados, é econômico, reforçado por acordos políticos, não raro, desiguais⁹. Ou seja, esses acordos frequentemente alteram a ordem econômica, social e política dos países em desenvolvimento. Nesse caso, são representativos os acordos de “livre” comércio firmados nas últimas décadas que incluem, quase sempre, a instituição do “direito do investidor”. O “**direito do investidor**” significa que as empresas transnacionais instaladas num país qualquer podem reivindicar indenizações, sempre que se julgarem prejudicadas por leis que instituem direitos sociais ou ambientais¹⁰.

⁷ DINIZ, José Eustáquio. IHU online, 30/05/2020.

⁸ BERRÓN, Gonzalo e GONZÁLEZ, Luz. A privatização da democracia. Um catálogo da captura corporativa no Brasil. Disponível em: <http://www.vigencia.org/catalogo/>.

⁹ WALLERSTEIN, Immanuel. Análises dos sistemas mundiais. In Giddens, A.; Turner, J. (org). Teoria social hoje. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

¹⁰ Antônio Martins. Europa-Mercosul: o acordo de Recolonização. Artigo publicado no website Outras Palavras. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/europa-mercosul-o-acordo-de-recolonizacao/>

Noam Chomsky entende que este momento histórico está sustentado por 10 princípios que sustentam a concentração da riqueza e do poder, como segue: *reduzir a democracia; moldar a ideologia; redesenhar a economia; deslocar o fardo de sustentar a sociedade para os pobres; atacar a noção de solidariedade; deixar os reguladores das políticas econômicas atuarem em causa própria; controlar as eleições; manter o povo na linha; fabricar consensos e criar consumidores; marginalizar a população*¹¹.

O Brasil se insere neste contexto internacional de forma subalterna. Nesse caso, a crise da democracia brasileira, em que se observa a instabilidade de suas estruturas político-administrativas, é resultado da ação política das forças econômicas do capitalismo financeiro aliadas à elite econômica brasileira e aos seus grupos político-partidários, que veem no estado brasileiro uma fonte segura para patrocinar o crescimento de seus rendimentos¹². No entanto, esse caminho trilhado gera o empobrecimento de grande parcela da população, aumenta exponencialmente a desigualdade social com menos emprego, menos acesso à educação e saúde pública de qualidade, destruição ambiental¹³, individualismo consumista, etc¹⁴.

3. Indicadores socioeconômicos

“Vivemos em um sistema social e econômico que é injusto em sua raiz”¹⁵. Nesse sentido, constata-se o aumento da pobreza¹⁶ e da extrema pobreza¹⁷ devido à queda da renda *per capita* e ao aumento do desemprego que atingem a população mais carente do país¹⁸. Neste contexto, o número de desempregados saltou de 6,7 milhões, em 2014, para 12,8 milhões, em 2019. Soma-se a este quadro 39,5 milhões de trabalhadores e trabalhadoras que se encontram na informalidade (Pnad Contínua, IBGE).

¹¹<http://www.ocafezinho.com/2016/05/18/os-principios-da-concentra%C3%A7%C3%A3o-de-riqueza-e-poder-da-plutocracia-ou-requiem-para-um-sonho-americano/>

¹² SOUZA, Jessé. A elite do atraso – Da escravidão à lava jato. Leya, Rio de Janeiro, 2017.

¹³ CNBB. DGAE 2019-2023. Doc. 109, n. 60-61.

¹⁴ Ibidem, n. 50-52.

A realidade do sistema de saúde pública também é grave. O Novo Regime Fiscal determinado pela Emenda Constitucional nº 95, que **congela os gastos públicos** em áreas essenciais, como saúde, educação, infraestrutura e moradia, seguridade social, representa o desmonte do **SUS** e a negação da saúde como direito a ser acessado e exercido por todas e todos. Percebe-se que a lógica que sustenta os cortes de investimentos em áreas essenciais não é a garantia de direitos, mas a sua mercantilização.

As reformas trabalhista e da previdência servem aos interesses do mercado. A reforma trabalhista não tem sido capaz de resolver o problema do **mercado de trabalho** brasileiro. Isso tem afetado milhões de famílias brasileiras, o que leva a uma piora sensível da qualidade de vida e da precarização do trabalho.

A Reforma da Previdência já aprovada, utilizada para justificá-la gera um cenário de desemprego generalizado e baixíssimo crescimento econômico. Por causa de sua relação umbilical com o mercado rentista, o governo não prioriza outras medidas para resolver o problema da expansão da despesa previdenciária, por exemplo: 1) fim das isenções e renúncias com recursos da seguridade social e, em especial, da Previdência; 2) melhoria da fiscalização previdenciária; 3) agilidade na cobrança da dívida ativa da Previdência Social; e 4) reequilíbrio do sistema rural, com a tributação sobre o agronegócio destinado à exportação¹⁹.

¹⁵ Ibidem, n. 64.

¹⁶ Segundo a última **Síntese dos Indicadores Sociais - SIS – IBGE**, em 2018, o contingente de pobres com rendimentos inferior a R\$ 406 por mês era de 54, 8 milhões de pessoas. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=o-que-e>.

¹⁷ As pessoas em situação de **extrema pobreza**, com renda inferior a R\$ 140 por mês, é de 15,2 milhões, conforme **Síntese dos Indicadores Sociais - SIS – IBGE**.

¹⁸ IBASE et. al. Relatório LUZ 2018. Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030.

O corte de investimentos na educação também não é obra do acaso. É, na verdade, a adequação do sistema educacional aos interesses financeiros do capital especulativo, orientada para o desmantelamento dos direitos sociais e trabalhistas, a inviabilização da produção científica que tenha como ponto de partida a produção de conhecimento em uma perspectiva democrática e emancipatória²⁰.

Esse contexto favorece o crescimento da violência. Todavia, a realidade brasileira não está isolada do restante do mundo. O Papa Francisco observa que vivemos um momento histórico marcado pela fragmentação e degradação social, o aumento da violência e a emergência de novas formas de agressividade social²¹.

Conforme o Atlas da Violência – 2019, o número de homicídios vem crescendo assustadoramente: 65.602 homicídios, sendo 72% por armas de fogo. Mais da metade (35.783) dos mortos eram jovens entre 15 e 29 anos, e 75% dos mortos eram negros. O feminicídio também cresceu: foram 4.939 mulheres assassinadas, das quais 66%, negras²².

¹⁹ QUEIROZ, Antônio Augusto de. PEC 6/2019 - A Nova Reforma da Previdência: desconstitucionalização, capitalização e restrição de acesso a direitos sociais. Brasília, DF: DIAP, 2019.

²⁰ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589557-o-banco-mundial-esta-vencendo-a-disputa-alerta-brandao>

²¹ Francisco. Laudato Sí, n. 46.

No ano de 2020, em pleno regime de isolamento social, exigido pelas consequências advindas do coronavírus no nosso país, foi registrado um aumento significativo de casos de violência doméstica contra a mulher. Uma das consequências diretas dessa situação tem sido a diminuição das denúncias, uma vez que em função do isolamento muitas mulheres não têm conseguido acionar o sistema de justiça e segurança²³.

Considerando os indicadores de violência exibidos acima, verificamos que o racismo tem conexão direta com a **violência**. Isso porque o racismo é naturalizado na sociedade brasileira. No Brasil, o racismo é estrutural. E, quando isso ocorre, nem mesmo leis são capazes de mudar algo já embutido no seio da sociedade²⁴. Essa realidade se deve ao fato de que o Brasil tem uma história e uma cultura fundadas no **racismo** e no **sexismo**, com profundas marcas que são perfeitamente visíveis ainda hoje em dia e que, apesar das muitas lutas e conquistas, continuam como divisores sociais e econômicos que permanecem apartando as relações humanas contemporâneas²⁵.

Não menos grave é a violência institucional e sociocultural contra os povos indígenas. Segundo as informações dos últimos relatórios **“Violência contra os Povos Indígenas no Brasil”**, publicados pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI, a

²² Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da violência 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432

²³ <https://forumseguranca.org.br/tag/violencia-domestica/> - Violência Doméstica Durante Pandemia de Covid-19

²⁴ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579126-racismo-e-preciso-ser-visto-como-trauma-central-da-violencia-no-brasil>

²⁵ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582726-racismo-e-sexismo-no-brasil-em-2018>

violência contra os povos indígenas vem aumentando, enquanto a delimitação, demarcação e regularização de terras vêm diminuindo. No Estado vem crescendo a repressão e criminalização de lideranças, enquanto ruralistas empreendem cada vez mais ações de incitação ao preconceito, ao ódio e à violência física contra os povos indígenas e seus territórios.

No seu caderno de conflitos 2019, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) aponta um crescimento de 14% do número de assassinatos no campo, passando de 28 para 32 mortes; 7% de crescimento dos casos de tentativa de assassinato e 22% nas ameaças de morte, que passaram de 165 para 201 casos²⁶.

É nesta conjuntura que o 15º Intereclesial está sendo gestado. Como recordam nossos bispos, reconhecer o momento histórico em que se encontra a Igreja e a humanidade, é condição para a realização da missão e a libertação das estruturas injustas e das condições que produzem a morte das pessoas e de toda criação. O reconhecimento destas situações concretas, é fundamental para não perdermos nosso horizonte no projeto libertador de Jesus Cristo e nos perguntarmos: que tipo de sociedade queremos, qual projeto de nação almejamos, qual o papel e a missão Igreja e das CEBs para a construção de “uma nova terra”?

4. Realidade mato-grossense

O Estado de Mato Grosso, localizado no Centro da América do Sul, possui uma rica diversidade ecológica distribuída em diversas regiões com características singulares: o Vale do Araguaia, o Parque Indígena do Xingu, na transição da Amazônia e do Cerrado; as regiões de áreas úmidas, dentre **outras regiões, estão distribuídas nos biomas: Amazônia, Cerrado e Pantanal.**

²⁶ <https://cptnacional.org.br/downloads-2/download/41-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/14167-conflitos-no-campo-brasil-2019>

Na paisagem exuberante coexiste um rico mosaico cultural de identidades que, muitas vezes, estão invisibilizadas. Isto é, as políticas públicas do Estado desconsideram que Mato Grosso é um dos estados brasileiros com maior diversidade sociocultural, evidenciada nas diferentes particularidades dos povos que nele habitam: indígenas, quilombolas, agricultores familiares, seringueiros, pescadores, ribeirinhos, retireiros do Araguaia, dentre outros grupos que se espalham pelo território, revelando a multiplicidade das nossas identidades. Importante reiterar que muitos destes grupos sociais ainda estão invisibilizados. Portanto, da visibilidade da paisagem exuberante, escondem-se identidades culturais que estão à mercê do descaso histórico e sofrem com o avanço da economia hegemônica do agronegócio.

Historicamente, o território mato-grossense passou por um processo desenvolvimentista e conservador de colonização que o levou à conversão de extensas áreas de Cerrado e de floresta Amazônica em pastagens e monoculturas sem a mínima ou nenhuma preocupação socioambiental.

O agronegócio em Mato Grosso vem impondo um ordenamento dos territórios que forjam os espaços como “vazios demográficos”, invisibilizando os povos e grupos sociais que são excluídos pelo sistema político e econômico hegemônicos.

A exploração dos bens naturais e dos grupos sociais que viviam e vivem neste estado é fundamentada em grande parte na convicção da existência de “recursos naturais” inesgotáveis e da lógica capitalista de sua exploração.

Esse modelo de ocupação capitalista excluiu a presença de outras formas de ocupação dos espaços, reflexo de uma dominação colonial que alimenta e reproduz as desigualdades, numa lógica do capital oposta à lógica de vida dos povos, que **transforma o espaço como lugar de viver em espaço como lugar do negócio.**

Neste contexto de uma crescente mercantilização e privatização dos bens da natureza, a expansão do agronegócio no Estado, configurou-se como um modelo de produção que alterou as paisagens naturais baseado na monocultura, na concentração fundiária, na mecanização pesada, no uso intensivo de agrotóxicos, fertilizantes, herbicidas e, cada dia mais, no plantio de transgênicos. Trata-se de uma produção orientada para a exportação, que gera divisas para a sustentação do modelo econômico em curso, mas que, por outro lado, concentra terras, gera violência e conflitos, privatiza recursos, afeta o modo de vida dos povos, compromete a biodiversidade, degrada o meio ambiente com a contaminação do solo e das águas, e estende seu poder também na arena política.

O Estado vive um modelo de desenvolvimento que tem colocado as terras mato-grossenses a serviço do mercado internacional. Onde o agronegócio impera, temos um quadro devastador de injustiças ambientais, com “campos ricos de grãos e pobres de gente e cultura” (VAILANT, 2005, p. 5).

Todavia, diversas organizações populares, movimentos sociais, populações tradicionais e povos indígenas, pessoas da sociedade civil se organizam para resistir contra a hegemonia desse modelo de desenvolvimento que gera exclusão social e injustiças ambientais²⁷, destruindo a vida no Cerrado, na Amazônia e no Pantanal.

Trata-se de um modelo hegemônico desenvolvimentista, que não considera o valor dos ricos biomas presentes no Estado, mas que os enxerga como potencial de mercado, ou seja, vale mais o agronegócio, a agropecuária do que a vida nos biomas. Constatamos a destruição de vidas humanas, devido aos conflitos no campo e em territórios indígenas e comunidades tradicionais, bem como dos animais e vegetais reduzidos a cinzas e ossos em

²⁷ SILVA, Regina Aparecida da. Do invisível ao visível: mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso. (Tese de doutorado). São Carlos: UFSCar, 2011.

função dos impactos causados pelo descontrole das queimadas que se transformam em incêndios.

É impossível falar das queimadas no Cerrado, Pantanal e Amazônia sem atrelar a elas a crise fundiária do país: grilagem de terra, aumento do latifúndio, expulsão das comunidades tradicionais, povos originários e pequenos agricultores de suas terras para exploração de madeira e minério, criação de gado e avanço da monocultura do agronegócio, especialmente a soja, que traz consigo a contaminação por agrotóxicos, cientificamente danosos a qualquer organismo vivo.²⁸

Agrava essa conjuntura histórica, o desmonte da mobilização ambiental promovida pelo governo federal... A morosidade premeditada em socorrer os biomas em situação crítica, a proibição de fiscalização e aplicação de multas para os crimes ambientais, a disseminação de *fake news* que buscam confundir o povo, a perseguição de servidores e a tentativa de criminalizar as vozes que se levantam para denunciar o retrocesso em andamento²⁹.

Há um pedido de socorro, um grito que não quer calar e não pode se calar, dos humanos sensíveis e conscientes, das comunidades tradicionais, das populações indígenas, da terra, dos animais, das aves, das águas, das plantas, da vegetação nativa, de árvores centenárias. E um clamor para que os povos tradicionais sejam valorizados e apoiados, a fim de continuarem sendo agentes de proteção e cuidado da natureza³⁰.

²⁸ Manifesto sobre as queimadas no Pantanal e convocação para o cuidado com a Criação, CNLB, 21/09/2020.

²⁹ Idem.

³⁰ Carta aberta sobre a queimada no Pantanal, CNBB Regionais Oeste 1 e 2, 21/09/2020.

5. Realidade indígena: povos da resistência e esperança

Quando os povos originários do nosso país afirmam, com convicção, que resistiram a mais de cinco séculos de invasão e massacres, estão desafiando os projetos de morte que foram e continuam sendo implantados sobre o sangue e vida de centenas de povos nativos do território que é hoje o Brasil. No período da ditadura militar os governantes e elites econômicas e políticas chegaram a afirmar e implantar um projeto de “Um Brasil sem índios até o ano 2000”. Naquela ocasião, a população indígena era estimada em 100 mil índios. Hoje há quase um milhão de indígenas vivendo em todos os estados do país.

Fica evidenciado que os povos originários não só irão superar as investidas de seus inimigos, mas estão dispostos a contribuir com a construção de um país plural, democrático e justo.

Quando representantes desses 305 povos indígenas sobreviventes do massacre secular afirmam, em documento divulgado por ocasião da participação no Fórum Social Mundial, realizado no início deste século, “nunca mais um Brasil sem os povos indígenas”, estão convocando todos os lutadores dos movimentos sociais e populares e se unirem a eles para, juntos, construir um país que reconheça, respeite e valorize a diversidade de povos e culturas existentes no território brasileiro.

A valiosa contribuição das CEBs nesse diálogo intercultural e interétnico, num enriquecimento mútuo, confirma a possibilidade e necessidade de construir projetos e sistemas de vida plena, entendidos como projetos de Bem Viver dos povos originários do nosso continente.

6. Um processo promissor

É animadora a caminhada que os povos indígenas vêm fazendo nas últimas décadas juntamente com as CEBs numa perspectiva de superação das opressões e dominação a que tem sido submetida a grande maioria da população brasileira. É uma Igreja a caminho da libertação e da descolonização.

Os povos indígenas desencadearam um processo promissor de retomar não apenas-seus territórios, mas também suas culturas e espiritualidade. Estão convictos de que somente com uma intensa espiritualidade conseguirão vencer interesses contrários tão poderosos, tanto no governo como em setores da sociedade desinformados sobre os importantes valores de que são portadores os povos originários no continente e em todo o mundo.

7. A Palavra do Sínodo Especial para a Amazônia

A realidade dos povos indígenas nos centros urbanos merece especial atenção, pois são os mais expostos aos enormes problemas da delinquência juvenil, falta de trabalho, lutas étnicas e injustiças sociais. É um dos maiores desafios da atualidade: cada vez mais cidades são destinos de todas as etnias e povos da Amazônia. Será necessário articular uma pastoral indígena da cidade que atenda a esta realidade específica.

II. Nosso jeito de ser Igreja e viver a fé

1. Igreja em Saída

A Igreja em saída, expressão do Papa Francisco desenvolvida na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, vem se tornando significativa na vida pastoral da Igreja. Expressa uma Igreja missionária que sai de si mesma e vai em busca, ao encontro em especial dos pequenos, dos pobres, dos desvalidos e sofridos da humanidade, os “amados de Deus”. Com essa expressão, o tema escolhido para este 15º Intereclesial ajuda as comunidades, as pastorais, os serviços, os movimentos eclesiais a abraçarem as causas fundamentais que sustentam a vida da humanidade e das comunidades, interpelando-os a uma evangelização de proximidade. O lema, por sua vez, no contexto do profeta Isaías e do livro do Apocalipse, irradia a perspectiva esperançosa de construir, à luz do Evangelho e da prática cristã, o sonho do Bem Viver com “**terra, teto e trabalho para todos**”, como afirma Papa Francisco.

2. Um sonho

O 15º Intereclesial será a continuidade dos catorze encontros intereclesiais anteriores, com seus aprendizados, suas marcas, seu grito histórico por justiça social, mesmo em meio às contestações e críticas. Fiéis a Jesus Cristo, ao Evangelho, à Igreja, e a partir de Jesus Cristo, neste processo de caminhada, tanto a realização do Intereclesial, bem como as ações após 2023 devem ter a marca da partilha, da celebração, da troca de experiência, da avaliação, do respeito às diferenças, da tolerância, da interação com o outro, do exercício do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, da vivência da igualdade, da abertura para aprender com o outro, aprender do atual momento histórico da humanidade, das indicações e linhas pastorais do Papa Francisco, em profunda comunhão com a

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A periodicidade dos encontros intereclesiais é como um grito de fortalecimento para tantos que sentem o peso da vida, os desafios da realidade social e econômica, de tantos desempregados e desvalidos da vida, de excluídos “quer social, quer existencialmente”, como adverte o Papa Francisco. Mas também quer ser força para continuar a missão de evangelizar, de transformar o mundo à luz do Evangelho, de fazer despontar lideranças cristãs na comunidade e na sociedade, de resgatar valores e dons que se colocam a serviço da vida nova, vida plena para todos e todas. “Vida nova porque alicerçada na consciência da dignidade de filhos e filhas de Deus e, conseqüentemente e coerentemente, pelas práxis do amor fraterno, da justiça e da solidariedade criativa que compromete para a participação na construção histórica do Reino de Deus. Reino aqui entendido como a busca constante de concretização histórica da vontade de Deus, a partir do cultivo da cultura da fraternidade, da justiça, do direito, da misericórdia, do cuidado e da paz”³¹.

O processo de preparação do 15º Intereclesial quer estar atento às marcas de nosso tempo para “*conhecer a realidade à sua volta e nela mergulhar com olhar da fé, em atitude de discernimento (...). Porque deseja servir, a Igreja reconhece o momento histórico em que se encontra, sendo convocada a buscar caminhos para a transmissão e a sedimentação da fé, mesmo que, para isso, precise abandonar estruturas ultrapassadas que já não facilitem mais a transmissão da fé*” (DGAE 2011-2015. n.ºs 17 e 27).

A comunidade se aviva quando se torna lugar gostoso de participação pela forma de acolhimento, de partilha, de respeito pelo diferente, pela mútua ajuda. Daí a importância de implementar nas nossas comunidades de base, a cultura do encontro, das lideranças como serviço, do resgate da Palavra, da Eucaristia, da Caridade, de uma catequese vivencial, de atendimento aos adultos, de espaço para a juventude, dos grupos de família, dos grupos bíblicos, das rezas da devoção popular, da visão mais crítica do momento atual para discernir o que constrói a pessoa humana na sua dignidade.

3. Nossa inspiração

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (CNBB 2019-2023, Doc. 109) partem do princípio de que é preciso evangelizar e sair em missão em um mundo que passa por profundas transformações. Somos chamados a olhar com atenção especial ao processo crescente de urbanização do país. Atualmente, a maioria da população brasileira vive nas cidades. Para compreendermos os grandes desafios do processo de urbanização brasileiro, é importante fazer uma distinção clara entre urbano e cidade.

Segundo Raquel Rolnik (1988), a cidade é um espaço caracterizado pela aglomeração de seres humanos, que se apresenta mais ou menos organizada em ruas, casas, avenidas, edificações, com zonas residenciais, comerciais e industriais, marcada pela presença de atividades econômicas não-agrícolas, que atrai, reúne e concentra homens e mulheres. A cidade, portanto, é uma localização física, geográfica, é o espaço habitado, construído e utilizado pelo ser humano, que demanda infraestrutura e diversos tipos de serviços públicos para atender as necessidades das pessoas que nela vivem. Ou seja, a cidade não seria possível sem o conteúdo que lhe dá sentido: os diferentes grupos sociais que nela vivem. Nesse sentido, a cidade é uma construção humana, alicerçada nas intencionalidades e interesses do ser humano.

O urbano, ao contrário da cidade, não se refere a uma materialidade física, mas sim a um conjunto de manifestações simbólicas, costumes, valores, mentalidades, expectativas, modos de se relacionar e se associar com os outros. O urbano é, antes de tudo, uma forma concreta de viver a vida e de se apropriar do mundo em que vivemos³².

Nesse sentido, a cultura urbana é um desafio à missão da Igreja. Daí a importância do fortalecimento das comunidades eclesiais e da vida em comunidade.

³¹ GUIMARÃES, Edward N. M. de Barros, in: CEBs Igreja em saída, p.28, ISER Assessoria, 2018.

A Igreja precisa percorrer novos caminhos na pastoral urbana, conforme aponta o documento final do Sínodo Especial para a Amazônia: “a forte tendência da humanidade de se concentrar nas cidades, migrando das pequenas para as grandes, também ocorre na Amazônia. O crescimento acelerado das metrópoles amazônicas é acompanhado pela geração de periferias urbanas. Ao mesmo tempo, estilos de vida, formas de convivência, linguagens e valores moldados pelas metrópoles estão sendo transmitidos e cada vez mais implantados tanto nas comunidades indígenas quanto no resto do mundo rural.

A família na cidade é um lugar de síntese entre a cultura tradicional e a moderna. No entanto, as famílias sofrem frequentemente pela pobreza, habitação precária, falta de trabalho, aumento do consumo de drogas e álcool, discriminação e suicídio infantil. Além disso, na vida familiar há falta de diálogo entre as gerações, e as tradições e a língua se perdem. As famílias também enfrentam novos problemas de saúde, que exigem uma educação adequada para a maternidade. As rápidas mudanças de hoje afetam a família amazônica. Assim, encontramos novos formatos familiares: famílias monoparentais sob a responsabilidade das mulheres, aumento das famílias separadas, uniões consensuais e famílias reunidas, diminuição dos casamentos institucionais

A cidade é uma explosão de vida, porque “Deus vive na cidade” (*DAP* 514). Nela há ansiedades e buscas de sentido da vida, conflitos, mas também solidariedade, fraternidade, desejo de bondade, verdade e justiça” (cf. *EG* 71-75). Evangelizar a cidade ou a cultura urbana significa “chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (*EN* 19).³³

³² ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

³³ *Documento Final do Sínodo para a Amazônia*, n. 34 - <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/docu>

“É necessário defender o direito de todas as pessoas à cidade. O direito reivindicado à cidade é definido como o gozo equitativo das cidades dentro dos princípios da sustentabilidade, democracia e justiça social. Não obstante, também será necessário incidir nas políticas públicas e promover iniciativas que melhorem a qualidade de vida nas áreas rurais, evitando seu deslocamento descontrolado”.³⁴

3.1. “Uma espiritualidade da escuta e do anúncio”

“A ação pastoral se sustenta em uma espiritualidade baseada na escuta da Palavra de Deus e no grito de seu povo, para poder anunciar a Boa Nova com espírito profético. Reconhecemos que a Igreja que escuta o Espírito no grito da Amazônia pode apropriar-se das alegrias e esperanças, da tristeza e a angústia de todos, mas, sobretudo, dos mais pobres (cf. GS 1), que são os filhos e filhas amados de Deus. Descobrimos que as poderosas águas do Espírito, semelhantes às do rio Amazonas, que transbordam periodicamente, nos levam a essa vida em abundância que Deus nos oferece para partilhar no anúncio”.³⁵

4. As Comunidades Eclesiais de Base

“As Comunidades Eclesiais de Base são uma forma de vivência comunitária da fé, de inserção na sociedade, de exercício do profetismo e de compromisso com a transformação da realidade sob a luz do Evangelho. São presença da Igreja junto aos mais simples, aos descartados, aos excluídos. São instrumentos que permitem ao povo conhecer a Palavra, celebrar a fé e contribuem para o crescimento do Reino de Deus na sociedade. Para isso, estarão sempre em sintonia com a paróquia local, com a pastoral

³⁴ Idem, n. 35

³⁵ Idem, n.38

diocesana e em comunhão com os pastores. Elas têm contribuído de forma clara para que os leigos e leigas atuem como sujeito eclesial na vida da Igreja e para sua missão no mundo. Em muitas situações elas são o único espaço de partilha, acolhida mútua e valorização das pessoas”.³⁶

“As comunidades eclesiais de base foram e são um dom de Deus às Igrejas locais da Amazônia. No entanto, é necessário reconhecer que, com o tempo, algumas comunidades eclesiais se acomodaram, enfraqueceram ou até desapareceram. Mas, a grande maioria permanece perseverante e é o fundamento pastoral de muitas paróquias. Hoje, os grandes perigos das comunidades eclesiais provêm principalmente do secularismo, do individualismo, da falta de dimensão social e da ausência de atividade missionária. Portanto, é necessário que os pastores encorajem todos e cada um dos fiéis ao discipulado missionário. A comunidade eclesial deve estar presente nos espaços de participação nas políticas públicas onde se articulam ações para revitalizar a cultura, a convivência, o lazer e a festa. Devemos lutar para que as “favelas” e as “*villas miseria*” tenham os direitos fundamentais básicos garantidos; água, energia, moradia e promoção de uma cidadania ecológica integral. Instituir o ministério de acolhida nas comunidades urbanas da Amazônia para a solidariedade fraterna com migrantes, refugiados, desabrigados e pessoas que deixaram as áreas rurais”.³⁷

Por outro lado, “as pequenas comunidades eclesiais missionárias que se formam em ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos por afinidades, devem se configurar como uma verdadeira rede, em comunhão com a Igreja local (DAP, n. 179). São compostas por pessoas que se reúnem, movidas pela fé em Jesus

³⁶ CNBB. Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo. Doc. 105, n. 146. Edições CNBB, 2016

³⁷ *Documento Final do Sínodo para a Amazônia*, n. 36 -

(<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>)

Cristo, para a escuta da Palavra, buscando luzes para viver a fé cristã numa sociedade de contrastes (DGAE 2015-2019, n. 57; DAp, n. 170ss; 278d). Vencem o anonimato e a solidão, promovem a mútua-ajuda e se abrem para a sociedade e para o cuidado da Casa Comum” (DGAE 2019-2023, n. 84).

“Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios (LG, n. 9-13) e do serviço cristão à sociedade (GS, n. 43), vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade. Elas oferecem ambiente e meios para a iniciação à vida cristã e para uma formação sólida, integral e permanente. São espaços propícios para o crescimento espiritual, por meio da partilha da experiência de fé e da fidelidade a Jesus Cristo e a seu Evangelho nos contextos em que se encontram. ‘Uma fé autêntica - que nunca é cômoda nem individualista - comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela’ (EG, n. 183). Toda comunidade cristã é essencialmente missionária, ‘Igreja em saída’” (DGAE 2019-2023, n. 36).

III. Nossos passos rumo ao 15º Intereclesial

1. Objetivos

Queremos caminhar rumo ao 15º Intereclesial, acolhendo, celebrando, refletindo, animando e encontrando saídas para que o Reino de Deus, anunciado por Jesus Cristo de Nazaré, seja uma realidade concreta vivida por cada homem e mulher deste tempo.

Em sintonia com o Evangelho, com o ensino da Igreja e as orientações pastorais da CNBB, esses anos de preparação para a celebração do 15º Intereclesial querem contribuir na formação de comunidades vivas, participativas a serviço da “Vida Plena para todos e todas”.

Queremos reavivar o ideal das Comunidades Eclesiais de Base, recriar as comunidades com ministérios, serviços, pastorais sociais, visitas missionárias, ir ao encontro das periferias sociais e existenciais. Atentos aos valores e contravalores dos tempos atuais, incidir na realidade para transformá-la em mundo mais justo e fraterno para todos e todas.

Nosso objetivo é **animar, motivar, fortalecer e avivar as comunidades**. Esse é o nosso princípio e foco. A realização do 15º Intereclesial é **decorrência** de uma construção coletiva e da voz viva das comunidades.

2. Objetivos específicos

a) Do Secretariado:

- Assumir, de maneira mais próxima, a preparação do 15º Intereclesial;
- Fortalecer a caminhada pastoral da diocese;
- Desenvolver um processo evangelizador, na acolhida, na partilha, no cuidado com os romeiros e romeiras.

b) Do Intereclesial:

- Na continuidade dos Encontros Intereclesiais, o 15º Intereclesial pretende abrir perspectivas de reanimação, revalorização das Comunidades Eclesiais de Base.

3. Metodologia

A metodologia do 15º Intereclesial é uma caminhada do Povo de Deus, de forma sinodal, enquanto processo de escuta e aprendizados mútuos que devem ocorrer em todas as etapas e níveis de organização deste Intereclesial, afirmando a plena realidade teológica das igrejas locais e do sacerdócio comum dos fiéis. Para tanto, há ênfase nas rodas de conversa, trocas de experiências e ações vivenciadas nas comunidades, bem como nas instâncias decisórias da caminhada das Cebbs. Este caráter sinodal dar-se-á também pela linha de continuidade do 15º com Intereclesiais anteriores, o “Trem das CEBs”. A cada novo Encontro é adicionado um novo vagão nesse trem: *“Neste país da América Latina,/o trem das CEBs vai aparecer. E cada vagão que se une/é sinal que as CEBs vão sempre crescer.”* (Do canto “Trem das CEBs”).

Nesta experiência de sinodalidade, nos auxiliará também a rica experiência acumulada do método “Ver, Julgar/Discernir e Agir”. Nesse sentido, o método consiste em articular simultaneamente três momentos específicos: 1) observar a realidade; 2) analisá-la e discerni-la à luz da Sagrada Escritura e dos ensinamentos da Igreja; 3) definir as ações segundo a urgência e exigências da realidade em todos os níveis.

Ver

O “Ver” não é só um olhar sobre a realidade sócio-político-econômica e eclesial, mas é um observar e escutar integral a partir de uma realidade que clama e espera ser ouvida. Sob o movimento do Ver, as CEBs devem observar/escutar a realidade em suas particularidades e unidade. Nesse momento, importa observar os

problemas e desafios que esta realidade abarca e ouvir o clamor das populações mais vulneráveis, bem como o clamor da Terra, nossa “casa comum”. É o momento de apontar para alguns problemas urgentes presentes no contexto mato-grossense e nacional.

Julgar

“Julgar” não se limita a analisar as Sagradas Escrituras, mas também buscar luzes e orientações no ensinamento da Igreja, especialmente do Papa Francisco, do Sínodo da Amazônia, das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (CNBB), cujo objetivo é iluminar o agir. Portanto, este é o momento de discernir as causas das injustiças socioambientais que atingem os pobres e o planeta Terra, estabelecendo-se as correlações necessárias entre os níveis macro e micro da realidade, na qual se incluem, e dela fazem parte, os desafios eclesiais.

Agir

Ao discernir os problemas e desafios da realidade, este é o momento de indicar linhas de ações concretas e compromissos para uma verdadeira conversão pastoral: ser uma Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas.

4. Metas

Além deste Marco Referencial, integra os passos de preparação do 15º, o **Projeto de Sustentação do processo de organização, preparação, realização e avaliação**³⁸ no qual são apresentadas as metas e ações para cada ano do processo de preparação, a saber:

- 2019/2020 – Ano 1: Recepção/Preparação;
- 2021 – Ano 2: Sensibilização/Articulação;
- 2022 – Ano 3: Aprofundamento/Formação;
- 2023 – Ano 4: Vivência/Celebração.

5. Ações estratégicas

Para atingir os objetivos e as metas, além das ações previstas para cada ano, várias estratégias serão adotadas ao longo dos próximos quatro anos, caminho a percorrer até o 15º Intereclesial das CEBs. Abaixo estão elencados algumas delas:

- Criar uma equipe de secretariado permanente na diocese de Rondonópolis-Guiratinga;
- Criar uma equipe de projetos para captação financeira;
- Criar uma equipe de articulação nacional e regional;
- Criar uma equipe de articulação diocesana;
- Criar grupos de trabalhos, conforme segue: transporte, infraestrutura, acolhida, liturgia, divulgação, secretaria,

³⁸ SECRETARIADO DO 15º INTERECLESIAL. Projeto de Sustentação do processo de organização, preparação, realização e avaliação. Rondonópolis-MT, 2020.

comunicação, formação, relações institucionais, saúde, cultura, alimentação, segurança, ambiente, gravação de cantos, mobilização financeira, logística;

- Envolver o máximo possível o laicato, as lideranças, as nossas estruturas Pastorais;
- Motivar e sensibilizar o clero para que assuma o 15º Intereclesial como um Projeto Diocesano;
- Usar os Meios de Comunicação para divulgação;
- Criar o espírito de partilha, de diálogo e de tolerância.

6. Quem envolver e como envolver no processo

As CEBs são um jeito de ser igreja que leva em consideração a comunhão e a participação de todos os cristãos e cristãs. Valoriza a ministerialidade conforme o Concílio Vaticano II e busca viver os projetos anunciados por Jesus Cristo no hoje da história. Desta maneira, pensamos que é necessário envolver todos os batizados, que no mundo são chamados a ser sal e luz. Neste sentido, o propósito é envolver:

- Os bispos das dioceses do Regional O2, bem como os bispos das dioceses do Brasil inteiro;
- Os padres (párocos, vigários paroquiais, reitores de seminários, reitores das faculdades católicas, coordenadores de pastorais e/ou outros com outras funções nas respectivas dioceses do Brasil);
- Os religiosos(as) (provinciais/inspetores(as), párocos e vigários paroquiais, formadores(as), diretores(as) de escolas religiosas e/ou outros(as) com funções diversas na Igreja no Brasil);
- Os leigos(as) que, na vida da Igreja, estão à frente das pastorais, dos movimentos, dos serviços, dos organismos, das instituições;

- As instituições não governamentais e que prestam serviço aos pobres, sobretudo as presentes no Regional e na diocese de Rondonópolis-Guiratinga;
- As universidades, os movimentos sociais e outros.

7. Para tal envolvimento pensa-se em:

- Visita aos regionais e dioceses para abrir um diálogo com os subsecretários, os coordenadores de pastorais e os padres que prestam serviço aos regionais e às dioceses do Brasil;
- Encontro com os coordenadores de pastorais, de movimentos, de serviços, de instituições, de organismos em nível nacional, regional e diocesano;
- Visita às universidades/faculdades católicas no Brasil;
- Articular um encontro com as coordenações das instituições não governamentais, dos movimentos sociais e outros;
- Delegar funções específicas para as lideranças cristãs presentes na Igreja do Brasil e, sobretudo, no Regional e na diocese de Rondonópolis-Guiratinga;
- Assim, envolver as lideranças das Pastorais e dos Movimentos, os padres e oferecer formação específica para as(os) secretárias(os) paroquiais, formação para os CPPs, publicação de cartilhas, fôlder...

8. Quem fará o acompanhamento do que foi definido

Cabe, ao Secretariado do 15º o acompanhamento de todo processo preparatório e organização do Intereclesial. Para esta tarefa, solicitará também o auxílio da Ampliada Nacional, da sua coordenação. Em nível diocesano deverá articular a participação

das lideranças de cada grupo ou serviço, dos padres, dos coordenadores das comunidades, das pastorais e serviços.

9. Processo avaliativo

A avaliação da caminhada preparatória do Intereclesial, ocorrerá ao longo das reuniões ordinárias bimensais ou nas reuniões com a coordenação da Ampliada Nacional, quando convocadas para tal finalidade. Este processo avaliativo ocorrerá também com os coordenadores dos serviços e equipes, sob convocação da coordenação do Secretariado, conforme a necessidade. Na proximidade do Intereclesial, o Secretariado deverá definir uma periodicidade para as reuniões de avaliação e acompanhamento com cada uma destas equipes.

IV. Diocese de Rondonópolis-Guiratinga: A Igreja que acolhe o 15º Intereclesial

A Diocese de Rondonópolis-Guiratinga, terra do Povo Bororo, situada na região sudeste do estado de Mato Grosso, integra 13 municípios e 22 paróquias. A Diocese tem sua origem na criação da Prelazia “Nullius” de Chapada, em 13 de julho de 1940, por meio da Bula “*Quo Christi Fidelibus*”, do Papa Pio XII. Foi confiada pela Santa Sé aos cuidados da Ordem dos Frades Menores, tendo como seu administrador apostólico e posteriormente primeiro bispo o frei Vunibaldo Talleur – Ofm (1941-1970). Pelas necessidades pastorais em virtude da expansão demográfica na região, a sede da Diocese que estava no município de Chapada dos Guimarães foi transferida para Rondonópolis em 1961, passando a denominar-se Prelazia de Rondonópolis. Em 1971, assume, como segundo bispo prelado, Dom Osório Wilibaldo Stoffel – Ofm (1971-1997). Em 15 de fevereiro de 1986, pela Bula “*Laetates Omnino*” do Papa João Paulo II, a Prelazia foi elevada a Diocese. Este período foi marcado pela amamentação das reformas oriundas do Concílio Vaticano II, a organização do trabalho pastoral a partir das Assembleias e dos Conselhos de Pastoral que favoreceram a criação e florescimento das Comunidades Eclesiais de Base e de grande número de lideranças leigas que assumiram diversos trabalhos pastorais e a pertença eclesial em diversos grupos e movimentos da sociedade. Com a renúncia de Dom Osório, assume como segundo bispo diocesano, em 22/03/1998, Dom Juventino Kesting, dando prosseguimento à dinâmica evangelizadora da igreja diocesana à luz das novas exigências da realidade e das diretrizes da CNBB.

Mais recentemente, a Diocese de Rondonópolis sofreu uma reestruturação em seu território em decorrência das mudanças econômicas e de logística ocorridas na região sul de Mato Grosso, nas últimas décadas. Deste modo, pelo Decreto nº B0465, de 25 de

junho de 2014, a então diocese incorporou parte da diocese de Guiratinga, de maneira que algumas de suas antigas paróquias passaram a fazer parte da diocese vizinha, de Primavera-Paranatinga, e outras, a compor a nova diocese, denominada Diocese de Rondonópolis-Guiratinga.

1. A organização da Diocese

Presente em treze municípios da região sudeste do estado, esta diocese passou a contar com 22 (vinte e duas) paróquias. Está organizada em comunidades, paróquias e foranias, que atuam ativamente em 298 (duzentas e noventa e oito) comunidades urbanas e rurais distribuídas nestas 22 paróquias que, por sua vez, estão organizadas em quatro foranias:

- **Forania Leste:** Paróquia São João Batista, em Guiratinga; Paróquia Santa Terezinha, em Tesouro; Paróquia São Pedro Apóstolo, em Pedra Preta; Paróquia São José do Povo, em São José do Povo (inclui aldeias indígenas).
- **Forania Norte:** Paróquia São Francisco de Assis, em Jaciara; Paróquia Bom Jesus, em Juscimeira, Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Fátima de São Lourenço (inclui aldeias indígenas e pantanal); Paróquia São Sebastião, em Dom Aquino.
- **Forania Sudeste:** Paróquia São Sebastião, em Alto Garças; Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, em Alto Araguaia; Paróquias Nossa Senhora Aparecida e São José, em Alto Taquari; Paróquia Nossa Senhora do Carmo, em Itiquira.
- **Forania Rondonópolis:** Paróquia Santa Cruz – Catedral – Centro; Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Centro; Paróquia São Domingos Sávio – Bairro Jardim Atlântico; Paróquia Bom Pastor – Centro; Paróquia Sagrado Coração de Jesus, primeira Paróquia da cidade – Centro; Paróquia

São José Operário – Vila Operária; Paróquia São João Batista – Parque Universitário; Paróquia São João Bosco – Região da Vila Rica e Paiaguás; Paróquia Santa Terezinha – Bairro Novo Horizonte, onde se situa o Centro de Eventos, lugar do 15º Intereclesial.

Atuam na Diocese de Rondonópolis-Guiratinga (ano base 2019): 38 padres, sendo 28 padres do clero diocesano; 10 padres religiosos (Franciscanos (OFM); Salesianos (SDB) Frades Menores Missionários (FMM).

Estão também presentes na Diocese 07 Congregações Religiosas femininas com 12 comunidades religiosas: Irmãs Catequistas Franciscanas, Irmãs Salesianas, Irmãs Palotinas, Irmãs Ursulinas, Irmãs Salésias, Irmãs da Divina Vontade e Consagradas “Maria Mãe do Divino Amor”. Sua ação pastoral é feita em diversas pastorais, movimentos, organismos e serviços, boa parte deles coordenados por leigas e leigos. O XVI Plano Diocesano de Pastoral (2017-2020) apresenta 21 pastorais, 20 organismos e serviços, 7 movimentos, 2 conselhos e 3 equipes de serviços diocesanos, como forma desta ação pastoral organizada, na qual atuam os diversos sujeitos eclesiais³⁹.

Caracterizam a organização e o jeito de agir da Diocese as Assembleias Diocesanas de Pastoral, a Romaria dos Mártires (1991), os Conselhos Paroquiais de Pastoral, a vitalidade das comunidades, a presença de um clero jovem, o investimento na formação (Escola de Teologia para Leigos, Curso Teológico-catequético, Curso para Ministérios, Curso de Teologia para Jovens, formação bíblica, Escola Vivencial do Cursilho, RCC, Associação Divina Providência, formação nas foranias e paróquias...). Vale ressaltar a elaboração e a utilização do livro para Grupos de Família; as pastorais sociais com obras de renome como Oratório Dom

³⁹ DIOCESE RONDONOPOLIS-GUIRATINGA. XVI Plano Diocesano De Pastoral (2017-2020), p. 49-79.

Bosco, Casa Bom Samaritano, Casa Santo Antônio, COMAJUL, Casa Esperança, dentre outros.

Diocese Rondonópolis Guiratinga - Oeste 2



Regionais da CNBB



- N1 : Norte 1 (Norte do Amazonas e Roraima)
- N2 : Norte 2 (Amapá e Pará)
- N3 : Norte 3 (Tocantins e Norte de Goiás)
- NE1 : Nordeste 1 (Ceará)
- NE2 : Nordeste 2 (Alagoas, Paraíba, Pernambuco, R.G. Norte e Fernando ded Noronha)
- NE3 : Nordeste 3 (Bahia e Sergipe)
- NE4 : Nordeste 4 (Piauí)
- NE5 : Nordeste 5 (Maranhão)
- L1 : Leste 1 (Rio de Janeiro)
- L2 : Leste 2 (Espírito Santo e Minas Gerais)
- S1 : Sul 1 (São Paulo)
- S2 : Sul 2 (Paraná)
- S3 : Sul 3 (Rio Grande do Sul)
- S4 : Sul 4 (Santa Catarina)
- CO : Centro Oeste (Distrito Federal, Goiás e parte do Mato Grosso)
- O1 : Oeste 1 (Mato Grosso do Sul)
- O2 : Oeste 2 (Mato Grosso)
- NO : Noroeste (Rondônia, Acre e sul do Amazonas)

3. Desafios pastorais

Como um grande entroncamento da fronteira agrícola da região Centro Oeste, a cidade de Rondonópolis e parte importante dos maiores municípios que integram a Diocese sofreram e sofrem os impactos da explosão demográfica, catalisada pelas densas levadas migratórias que acorreram para a região nas últimas quatro décadas e pelo acelerado êxodo rural. Desse modo, de acordo com o IBGE, a população residente nas 13 cidades que compõem o território da diocese de Rondonópolis-Guiratinga saltou de 263.862, em 2000, para 366.356, em 2017.

Como ocorre em outras regiões periféricas do país, as marcas da globalização e do modelo neoliberal de produção e de organização político-econômica definem características predominantes na região: produção monocultural, com acentuada concentração fundiária e de renda. Densa mecanização da agricultura e pecuária e substituição das pessoas por máquinas, com as consequências desumanas deste processo, como o êxodo rural, adensamento das periferias urbanas, subemprego e péssimas condições de vida e de acesso a bens e serviços para maioria da população. Ao lado de uma acentuada degradação do ecossistema tendo em vista a produção em larga escala, ocorre uma degradação da qualidade de vida dos mais pobres, que vão inchando os inúmeros conjuntos-cubículos habitacionais que modificam a paisagem dos maiores e médios municípios da região.

É neste chão concreto e real que a ação evangelizadora da Igreja e a vida das comunidades ocorrem, marcadas por sombras e luzes. O cenário religioso atual evidencia o crescimento das Igrejas pentecostais e neopentecostais. O Censo do IBGE (2010) assinala a diversificação e fragmentação do campo religioso. 62% da população residente nos limites da Diocese Rondonópolis-Guiratinga se declararam católicas. Os evangélicos representam 25,65% da população, com predominância dos pentecostais e

neopentecostais e com destaque para a atuação da igreja Assembleia de Deus. Chama atenção o acentuado trânsito religioso por entre igrejas e sistemas religiosos⁴⁰. Preocupa o número de pessoas que se declararam sem religião, o que corresponde a 10% da população.

Marcada pela atuação das Comunidades Eclesiais de Base e pela atuação pastoral de um clero missionário estrangeiro, a realidade pastoral da diocese está vivendo também transformações que se observam em outras regiões: a emergência de um clero mais jovem mais ligado aos movimentos eclesiais, de linha pastoral mais conservadora. O surgimento de movimentos e grupos – acampamentos, grupos marianos – de postura mais autônoma em relação às orientações diocesanas quanto à atuação pastoral. Fortalecimento do Cursilho de Cristandade e uma diminuição da força e protagonismo das comunidades e da força de suas lideranças.

Apesar deste cenário, as Comunidades Eclesiais de Base continuam vivas, persistem nas periferias da cidade que se espalha. Celebra sua fé nos templos, mas também na ampla rede de círculos bíblicos e grupos de família que se reúnem semanalmente nas casas. Destas mesmas comunidades provêm diversas lideranças leigas, mulheres e homens, que assumem diversos serviços nas suas comunidades, nas paróquias e mesmo nos movimentos ou em nível diocesano. Sob os impactos da urbanização, do contexto sócio-político e das novas tendências eclesiais, as CEBs se deparam com o desafio de empolgar as novas gerações, fortalecer a própria vida em comunidade e garantir aos leigos e leigas a identidade e atuação enquanto verdadeiros sujeitos eclesiais.

Embora a experiência religiosa de boa parcela dos católicos não provenha da linha das comunidades e sim de movimentos eclesiais, o romeiro irá encontrar um povo generoso e acolhedor com história de acolhimento, de partilha.

⁴⁰ FRANCISCO, Adilson José. Trânsitos religiosos, cultura e mídia: a expansão neopentecostal. Paulus: São Paulo, 2014.

4. XVII Plano Diocesano de Pastoral – 2021-2023

Neste momento, a Diocese vive momento fecundo de avaliação da sua caminhada pastoral e elaboração do seu XVII Plano de Pastoral para o próximo triênio. Este processo principia por retomar o objetivo de **“evangelizar o Povo de Deus na Diocese de Rondonópolis-Guiratinga, fortalecendo o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, de modo que as pessoas se sintam acolhidas e amadas e possam se engajar nas comunidades, para que estas sejam comunidades missionárias, ministeriais e servidoras a serviço da vida e da esperança”** (Plano Diocesano 2017-2020), definido no Plano anterior.

Para este novo Plano, estão sendo pensadas duas formas de trabalhar o processo de preparação do 15º Encontro Intereclesial: a) como ação transversal das demais ações e urgências pastorais e, b) como projeto específico, com as ações próprias previstas no Planejamento estratégico para os três anos. O anseio por uma metodologia participativa e processual na elaboração do Plano, torna a tarefa necessária e desafiadora, mas que precisa ser realizada pelo secretariado, a Equipe Diocesana de CEBs em diálogo com a equipe de coordenação pastoral, as pastorais, os grupos e os movimentos.

Além de um Plano de Pastoral com as indicações da Ação Evangelizadora, a Diocese investe em dezenas de pastorais, serviços, movimentos eclesiais. As Comunidades Eclesiais de Base, apesar de sua vitalidade sofrer o desafio da urbanização, das novas tendências pastorais dos tempos atuais e do cenário religioso plural, deparam-se com o desafio de empolgar as novas gerações bem como a dificuldade de formar novas lideranças.

V. A logística e espaços para o 15º Intereclesial

1. Locomoção

De antemão, é preciso levar em conta que Rondonópolis é uma cidade distante, no Oeste do Brasil, com dificuldade de acesso de voos (*um voo diário para Campinas e conexões. Aeroporto de maior fluxo é Cuiabá, mas leva em torno de 5 horas de deslocamento até Rondonópolis*). É a terceira cidade de Mato Grosso, mas, em relação ao Brasil, é uma pequena cidade com seus desafios sociais, políticos, econômicos e religiosos.

2. Hospedagem

Prever hospedagem para 1.500 delegados, em torno de 500 lugares para bispos, padres, povos indígenas, convidados, equipe de trabalho, visitantes...

Prever locais para estacionamento dos ônibus, com banheiros e chuveiros, hospedagem e refeições para os motoristas,

Desde já precisamos motivar as nossas casas/famílias para ser **“casa que acolhe um romeiro”**. Necessitamos entre 900 a 1.100 casas para acolher os quase 2.000 mil participantes.

3. Locais e paróquias para hospedagem:

- CEPA: Coordenação Central
- Paróquia Nossa Senhora Aparecida – N°.--- Regionais
- Paróquia São Domingos Sávio – N°.--- Regionais
- Paróquia Bom Pastor - N°.--- Regionais
- Paróquia Sagrado Coração de Jesus - N°.--- Regionais
- Paróquia São José Operário - N°.--- Regionais

- Paróquia São José Esposo – N° - Regionais
- Paróquia São João Batista - N°.--- Regionais
- Paróquia São João Bosco - N°.--- Regionais
- Paróquia Santa Terezinha - N°.--- Regionais
- Paróquia Santa Cruz - N°.--- Regionais

4. Outras opções:

- Casa de Encontro em Fátima de São Lourenço, 47 km de distância
- Casa das Irmãs Catequistas Franciscanas – sede Provincial, centro
- Paróquia São José do Povo, 53 Km de distância
- Paróquia São Pedro Apóstolo – Pedra Preta, 30 Km de distância

5. Voluntariado

O 15º Intereclesial vai envolver diretamente mais ou menos 800 voluntários advindos das paróquias da diocese de Rondonópolis-Guiratinga e das demais dioceses do Regional para serviços de acolhida, limpeza, alimentação, infraestrutura, orientação dos romeiros, preparação da noite cultural, canto, liturgia, serviço de água potável, recolhimento de lixo, saúde, achados e perdidos, guias para os locais das mini plenárias e paróquias onde os romeiros se hospedarão.

6. Locais para as miniplenárias:

O que potencialmente se tem até agora:

- Paróquia São José Operário – Salão Paroquial e Escola São José Operário;

- Paróquia Bom Pastor – Salão Paroquial e Escola Santo Antônio;
- Paróquia Sagrado Coração de Jesus: Salão Paroquial, Comunidade Rosa Mística, Escola Sagrado Coração de Jesus, Comunidade São Francisco;
- Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Salão Paroquiale Comunidade São Cristóvão;
- Paróquia São João Batista: Oratório Dom Bosco;
- Paróquia Santa Cruz – espaço de festa e salas e Comunidades Santos Reis e Divino Espírito Santo;
- Paróquia São João Bosco – salão/oratório paroquial;
- Seminário São Francisco;
- Casa Provincial – Irmãs Catequistas;
- Paróquia São José Esposo, a indicar;
- Paróquia Santa Terezinha (secretaria, comunicação, central de atendimento aos romeiros, saúde, coordenação geral...).

Sugestões de nomes para os grupos e identificação dos locais: Tuiuiú, Ipê Amarelo, Aroeira, Pequi, Arara, Pantanal, Rio São Lourenço, Rio Vermelho, Simão Bororo, Pe. Rodolfo, Padre Josimo, Pe. João Bosco Burnier, Vicente Cañas, Araguaia, Cerrado, Rosa Bororo, Jacaré, Onça Pintada, Véu da Noiva e outros, que podem corresponder a nomes de algumas etnias numericamente mais representativas de Mato Grosso. Utilizar três a cinco frases, explicar a razão da escolha de cada nome.

7. Locais para atividades

- Centro de Eventos Santa Terezinha:
- Espaço cultural – CAIS – nascedouro da cidade:
- Ginásio de Esportes Marechal Rondon
- Feira da Vila Operária
- Centro de Encontros da Igreja Assembleia de Deus

- Quadra de Esportes da Escola Sagrado Coração de Jesus
- Quadra de Esportes da Escola CAIC
- Quadra de Esportes da Escola CIE

8. Cronograma

Verificar nas Planilhas do **Projeto de Sustentação do processo de organização, preparação, realização e avaliação do 15º Intereclesial**.

9. Considerações finais

A organização do 15º Encontro Intereclesial das CEBs requer que consideremos:

- Planejar com os pés no chão, não sonhar muito alto, de modo a fazer o que nos é possível, realizável, que se torna significativo e fica na memória e no coração...
- Todo planejamento requer contínua avaliação, novos rumos;
- Partir do que já está a caminho para não iniciar cada vez;
- Confiar nas pessoas, delegar;
- Ter sinceridade nos acertos e erros;
- Incluir mais pessoas porque “somos poucos e tem muito a fazer e porque somos poucos não conseguimos fazer tudo”.

ANEXOS

Competências de cada coordenação do 15º Intereclesial

1) Bispo anfitrião

Convida e nomeia os integrantes do secretariado; convida os integrantes das áreas; junto com o coordenador e o tesoureiro, encaminha os projetos; encaminha as correspondências oficiais; participa de todo o processo do Intereclesial.

2) Coordenador do secretariado

Responde pela atuação do secretariado; acompanha e cobra a execução das tarefas das equipes e áreas de serviços; é o ponto de referência para todas as informações e encaminhamentos sobre o Intereclesial; articula as instâncias de decisão garantindo a participação de todos; está atento para que a metodologia e os critérios definidos pelas outras instâncias sejam respeitados; junto com o Bispo e o tesoureiro, encaminha os projetos e busca recursos; abre todas as correspondências que vêm em nome do secretariado, encaminhando-as depois para os demais setores; movimenta as contas bancárias junto com o tesoureiro; faz a articulação em nível nacional e regional, através de visitas e encaminhamentos da vida das CEBs e do 15º Intereclesial junto aos bispos, subsecretários, coordenadores diocesanos de pastoral e outras lideranças.

3) Tesoureiro

É responsável pelo acompanhamento, prestação de contas e, junto com a equipe de projetos, busca recursos financeiros que serão investidos no 15º Intereclesial.

4) Comissão de documentação e secretaria

Trabalha em sintonia com a secretaria que foi contratada pela diocese para fazer o serviço de atendimento e arquivo de documentação das CEBs. Registra todos os acontecimentos do 15º intereclesial, para que a história possa ser contada para os que não puderam estar presentes e para o futuro. A secretaria tem de garantir o material necessário para o encontro e anotações dos estudos dos grupos, plenárias e reflexões. Além do mais, organiza a secretaria do Intereclesial – arquivos, documentos, relatórios; compõe a equipe de secretaria junto com a coordenadora da área de documentação.

5) Articulador diocesano

Sensibiliza a diocese para garantir seu envolvimento e a participação como anfitriã; organiza as CEBs na diocese e procura articulá-las; ponto de contato entre o secretariado e a diocese; representa a diocese em outras instâncias; promove encontros diocesanos sobre o Intereclesial; visita as paróquias da diocese.

6) Coordenador de projetos

É responsável por montar uma equipe e elaborar os projetos necessários para captação de recursos financeiros junto às agências, congregações religiosas, regionais, dioceses, paróquias.

7) Assessores

Assessores do secretariado

Ajudam a refletir e avaliar a prática à luz do espírito, dos métodos e dos critérios indicados; ajudam a clarear, aprofundar e sistematizar as ideias; ajudam na elaboração e nos debates de propostas para tomadas de decisões; corrigem textos que sairão em nome do Secretariado (apostilas, jornal, projetos e outros).

Assessor do Regional

Marca visitas periódicas ao secretariado (a cada dois meses); acompanha a produção teológica do secretariado; acompanha o processo de produção do texto base.

Assessor nacional

Indicado pela ampliada Nacional conforme o específico de cada um.

8) Transporte e acolhida

Acolhe e hospeda as pessoas que virão de outras cidades, estados e países para ficar conosco durante cinco dias e providencia transporte para deslocamentos. Esta comissão deve ser formada nas paróquias onde ficarão hospedados os delegados.

9) Infraestrutura e logística

Palco, cadeira, mesa, escada, caixa de som e outras coisas que fazem parte de um grande evento como estes precisam ser transportados, instalados, providenciados. Esta equipe se encarregará desses trabalhos. Sugere-se o acompanhamento prévio de encontros que acontecem no Centro de eventos Santa Terezinha para detecção de necessidades específicas para o Intereclesial.

10) Liturgia

Em cada espaço e no centro de eventos Santa Terezinha, deverá ter uma equipe de animação, tocando e cantando e um grupo para organizar a liturgia.

11) Comunicação e divulgação

Divulgar o encontro, preparar e divulgar materiais informacionais sobre as ações preparatórias do encontro. Acompanhar e orientar jornalistas, radialistas, enfim, os meios de comunicação, além de montar e coordenar a sala de comunicação durante o encontro. Esta equipe, em parceria com a equipe de relações institucionais, cuidará também da segurança informacional, monitorando as ações reativas sobre o Intereclesial em todas as suas fases.

12) Formação

Responsável pela capacitação de lideranças através de cursos, oficinas e outros. Propõe, juntamente com o secretariado a elaboração de subsídios e materiais, bem como sua impressão ou divulgação por outros meios.

13) Relações institucionais

Auxiliar a coordenação do Secretariado na promoção do diálogo e articulação com instituições eclesiais e extra eclesiais como as esferas governamentais em todos os seus níveis, instituições parceiras ou colaboradoras como universidades, escolas, empresas, grupos e coletivos da sociedade civil. Caberá também a esta equipe, juntamente com a equipe de comunicação, o serviço preventivo da segurança informacional e monitoramento das ações reativas sobre o 15º em todas as suas fases.

14) Saúde (bem-estar).

Essa equipe de saúde/bem-estar deseja ter pouco trabalho, pois almeja que todos passem muito bem. Mas se for preciso, se alguém não se sentir bem de saúde, a equipe estará pronta para entrar em ação. Esta equipe garantirá uma sala de atendimento,

quadro de profissionais, contato com os hospitais e providenciará uma ambulância de plantão.

15) Cultura

Costurar, cortar, pintar: roupas, faixas, sacolas, bandeiras, painéis... para comunicar e enfeitar o encontro. Esta equipe cuidará do *show* cultural, assessorará as equipes de ornamentação, cuidará dos artistas que virão colaborar com o evento e colaborará com a equipe da feira da economia solidária durante o encontro.

16) Alimentação

Esta equipe prestará o serviço de definição do cardápio, preparação dos alimentos e logística de distribuição, transporte e organização das refeições durante o encontro. A sugestão é de que o café da manhã seja realizado nas famílias e locais de hospedagem. Lanches nos locais do encontro e das miniplenárias. Almoço, nos locais das miniplenárias. Jantar nas casas de hospedagem.

17) Segurança

Cuidado das pessoas, dos locais de plenária e miniplenárias, o cuidado com os ônibus e carros, organização de trânsito, entrada e saída de carros dos locais das atividades

18) Ambiente e ornamentação

As pessoas que vão participar do encontro ficarão distribuídas nos locais da grande plenária e também das miniplenárias. Essa equipe deverá limpar, ornamentar e arrumar os diversos locais onde irá acontecer o encontro.

19) Gravação e publicação dos cantos

Responsável pelo processo de seleção, organização e publicação do livro de cantos e orações do Intereclesial, bem como da gravação em áudio e publicização do material em site ou canais a serem definidos.

20) Finanças

Equipe responsável pelo levantamento das demandas apresentadas pelo Secretariado, os cálculos orçamentários, ordenamentos de despesas e pagamentos.

"Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.

(Papa Francisco. EG, 49)

